

A GRANDE ANOMALIA

Um grande precipício estende-se à minha frente. Encontro-me sentado à beira dele, com as pernas suspensas; balanço-as suavemente, sentindo o vento que vem de encontro a elas. No chão onde estou, uma fina camada de grama recobre o solo, e pequenos brotos de árvores começam a nascer. Algumas flores amarelas e vermelhas espalham-se ao meu redor, liberando um doce aroma que, ao ser inalado, acalma-me.

O céu apresenta nuvens esparsas que permitem que os raios de sol toquem minha pele, gerando pequenas explosões de calor que irradiam por todo o corpo. Ao mesmo tempo, o vento, que começa a ficar mais frio com a chegada iminente do inverno, cria um contraste agradável com o calor emitido pelo sol.

Olho para o fundo do precipício e noto as grandes árvores que cresceram na cratera. Um extenso rio, que muitos acreditaram que desapareceria, formou uma ampla lagoa central,

rodeada por árvores cujas folhas variam em tons de verde, amarelo e vermelho.

Os pássaros cantam logo abaixo do local onde estou. É possível ouvir seus sons, o que gera alegria e conforto em meu coração, pois, há alguns anos, muitos diziam que essa vida jamais retornaria após o grande acontecimento.

Fecho os olhos e respiro profundamente. Sinto o ar preencher meus pulmões enquanto inclino vagarosamente a cabeça para cima; então, lentamente, expiro e abro os olhos, presenciando aquilo que hoje chamamos de “o devorador do mundo”: uma estrutura esférica acinzentada que, em certos momentos, emite lampejos semelhantes a relâmpagos.

Essa formação encontra-se exatamente no centro do precipício, a muitos quilômetros de distância do solo. As nuvens a rodeiam sem tocá-la, e a luz do sol, por algum motivo, ao aproximar-se dela, cria um halo ao seu redor, formando um círculo que permanece claro mesmo durante a noite, como se a energia tivesse parado no tempo.

Afasto-me da beirada do precipício e fico de pé. Bato as mãos na roupa branca de linho para retirar a grama e as impurezas. Em meu manto, há runas douradas localizadas nas mangas, que emitem um brilho tênue, são elas as responsáveis por anular o efeito da anomalia presente a vários quilômetros acima.

Pego meu cajado e apoio-me nele com a mão direita. Com a esquerda, coço a barba curta e grisalha e, em seguida, coloco a mão acima dos olhos para enxergar melhor a anomalia.

Nesse momento, grandes rajadas emanam de dentro dela. A luz solar aprisionada pela estrutura cria um contraste impressionante com as cores avermelhadas que as explosões irradiam. Observando atentamente, consigo ver inúmeras runas, há quilômetros de distância, rodeando-a e conectando-se umas às outras por finas linhas de luz prateada.

Essas inscrições, após muitos estudos, foram a única solução que nós, Eonianos, encontramos para conter esse artefato. Elas reduzem

o poder de atração do “devorador de mundos”, impedem a entrada de seres vivos e também tentam evitar sua aproximação do solo de nosso mundo, o que seria fatal e nos aniquilaria em pouco tempo.

O grande problema, motivo que me trouxe até aqui hoje, é constatar que, mesmo utilizando runas tão complexas, criadas por mim, o devorador de mundos continua se aproximando lentamente do solo. A prova disso está em pequenos detalhes, como as gotas d’água que se desprendem do rio no fundo do precipício e seguem em direção a ele, mas, ao colidirem com a barreira das runas, caem novamente, gerando, bem abaixo da anomalia, uma chuva constante. É um sinal de que não temos muito tempo, de que, mesmo as mais poderosas runas já criadas, não conseguirão conter esse artefato e que nosso tempo neste mundo está chegando ao fim.

Volto a olhar para a estrutura; dessa vez, meus olhos enchem-se de lágrimas que escorrem pelo rosto, pois, ao fitar atentamente o centro dela, ainda consigo sentir sua presença, Elida. Sua suave, porém, poderosa aura ainda emana do coração do

destruidor de mundos. Sinto também a essência de seu irmão, Nefários, uma energia tão sombria e perversa que, mesmo à distância e com as runas nos afastando, causa-me arrepios.

De algum modo, no fundo do meu ser, sei que as rajadas emanadas pelo destruidor dos mundos são provocadas pelo confronto entre as auras de vocês dois. Tenho certeza de que seus corpos físicos há muito se foram, pois, quando tudo começou, presenciei a desintegração de ambos e, com muito esforço, forjei runas que suspenderam, a quilômetros do solo, a grande esfera formada por vocês, impedindo que o mundo fosse destruído naquele instante.

Esse detalhe, a presença de ambos ainda no interior do grande artefato, guardo apenas para mim, assim como muitos outros segredos que jamais revelei a ninguém, exceto a você, minha querida filha.

Ouçó, ao longe, o relinchar de cavalos. Viro-me na direção do solo e avisto dois cavaleiros, um deles é Samar, a grande vidente de nossa era e o

outro, Samael, o fiel escudeiro da vidente e um clarividente promissor que ela adotou há pouco tempo.

Ambos lutam contra a força emanada pelo imenso artefato. Os cabelos de Samar são puxados para cima, enquanto ela luta para manter o cavalo na minha direção. Samael encontra-se na mesma situação, visivelmente fatigado e com dificuldade para respirar, como se o ar estivesse sendo sugado de seu peito.

Ao ver isso, estendo a mão em direção a eles e mentalizo runas semelhantes às de meu manto. Quando elas surgem suspensas no ar, lanço-as contra os dois. Assim que se fixam em suas vestes, o efeito do artefato cessa completamente. Ambos demonstram alívio e retomam o caminho até mim com tranquilidade.

Volto a olhar para o devorador de mundos e seco o rosto. Localizo novamente a essência de Elida diluída nele e sinto um forte aperto no peito, mas contenho-me e volto minha atenção aos companheiros que se aproximam.

Enquanto aguardo a chegada deles, ajoelho-me, coloco o cajado à minha frente, uno as palmas das mãos e as aproximo da boca. Começo a recitar um antigo cântico rúnico que aprendi há muitos anos.

Com o decorrer da recitação, sinto o ar agitar-se ao meu redor; um leve tremor de terra ocorre bem onde estou ajoelhado, e uma intensa onda de calor emana de meu corpo, espalhando-se pelo ambiente.

Ao abrir os olhos, vejo, a alguns metros de distância, uma pequena cabana formada pela junção de várias árvores que antes não existiam ali. Bancos foram criados com as raízes, e, no centro desse pequeno acampamento, uma esfera de fogo flutuante permanece inerte, transmitindo calor e iluminando tudo ao redor. Caminho até o acampamento e sento-me em um dos bancos enquanto observo a aproximação de meus companheiros.

ANTIGOS COMPANHEIROS

Quando chegaram, o sol já se punha, projetando uma luz alaranjada sobre o acampamento recém-criado. O vento aumentara discretamente de intensidade, mas, ao se aproximar do local, tornava-se suave e refrescante, devido aos encantamentos erguidos ali.

O cavalo de Samar era um garanhão branco. Sua sela, de couro preto, contrastava com a crina adornada por algumas tranças, detalhe que combinava perfeitamente com o estilo da clarividente. Ela trajava um vestido vermelho de tecido fino e, sobre os ombros, um manto branco que lhe cobria a cabeça, formando um capuz que a protegia do vento forte fora do acampamento.

Sua pele morena-clara criava um contraste elegante com a vestimenta. Os olhos, de um verde esmeralda intenso, davam a impressão de enxergar a alma de quem os fitasse. Ao descer do cavalo com

um salto leve, prendeu o animal ao banco mais próximo e olhou ao redor, retirando o manto e revelando uma pequena adaga escondida na cintura.

Seu companheiro, um homem robusto, de braços torneados, pele negra e cabelos trançados com fios dourados, parou logo ao lado dela. Carregava uma longa espada embainhada na cintura e não usava manto, tampouco parecia sentir frio com o vento. Vestia uma armadura negra adornada com o desenho de dragões vermelhos entrelaçados sobre o peitoral.

A lâmina de sua espada possuía o mesmo tom avermelhado dos dragões, e nela podiam-se ver pequenas inscrições indecifráveis à distância. Assim que desmontou, aproximou-se da companheira, pegou o manto dela e o repousou sobre o flanco do cavalo.

Ambos se sentaram nos bancos recém-formados, ficando frente a frente. Samar soltou um riso discreto e exibiu um semblante simpático, enquanto Samael permaneceu calado, imóvel.

— Você realmente achou que poderia se esconder do rei, Josué? — perguntou Samar, após sorrir. Ela olhou ao redor com seus grandes olhos esverdeados e respirou fundo, em sinal de conforto. — Belo lugar, apesar de perigoso pela região e pelo que está a poucos quilômetros de distância... mas muito aconchegante!

— Agradeço pelas runas, estávamos em apuros. Os cavalos mal conseguiam manter o rumo, e a senhorita Samar quase foi arrastada em direção àquilo — disse Samael, finalmente, olhando para o destruidor de mundos, que brilhava intensamente, como se ainda fosse dia.

Olho na direção do artefato e solto um longo suspiro, voltando em seguida o olhar para meus novos companheiros. Samar estava com as pernas cruzadas; o vestido vermelho cintilava, contrastando com a pequena adaga incrustada em pedras brancas. As botas de couro negro batiam perfeitamente com o restante da roupa.

Dirijo o olhar ao companheiro dela, trajado com a pesada armadura e empunhando a espada de

lâmina vermelha como sangue. Seus olhos eram tão escuros e enigmáticos quanto a própria armadura, e sua expressão, rígida como pedra, revelava um cansaço mais evidente que o de sua parceira.

— Minha intenção nunca foi me esconder, Samar — digo, após avaliá-los. — Com você no comando, o rei consegue achar quem quiser, quando quiser — completo, em tom descontraído.

Samar era a clarividente mais poderosa surgida na história de Éon nos últimos milênios, comparável, em minha visão, apenas a Sheriom, o lendário vidente que auxiliou Éon a sair da temível Era das Trevas e, por tal feito, terminou seus dias em loucura, deixando inúmeras profecias que ainda hoje são estudadas, inclusive por ela.

Ao encarar seus olhos, tenho a sensação de sentir a mesma essência que emanava de Sheriom. Sua aura parecia repousar sobre ela, intensificando-se em determinados momentos. Naquele instante, percebi em seus olhos o mesmo brilho que o antigo clarividente exibia ao se orgulhar de algo.

— Vim para este lugar na expectativa de que você me encontrasse. Apenas você seria capaz de chegar até aqui — falo em tom leve, mantendo o olhar firme no dela. — E somente você teria coragem de se aproximar deste local. — Mudo o foco para Samael, que permanecia imóvel, observando o destruidor de mundos. — Confesso que sua presença aqui foi uma surpresa, Samael.

Ouvir o próprio nome fez com que ele desviasse o olhar do artefato e se voltasse para mim. Deu de ombros e esboçou um sorriso discreto.

— Prometi à senhorita Samar que a seguiria para aprender o dom da clarividência, para que ela me ensinasse tudo o que sabe — respondeu, com voz grave, mas repleta de ternura, ecoando pelo acampamento.

— Um guerreiro querendo dominar a arte da clarividência? — pergunto, franzindo a testa enquanto observo sua vestimenta incomum para um vidente. — Há milênios não vejo uma união assim...

Olho diretamente em seus olhos e percebo um leve constrangimento em sua expressão, como se

buscassem uma resposta. Na verdade, meu intuito era descobrir a quem ele estava conectado.

Nos milhares de anos que vivi, presenciei incontáveis formas de magia. Vi-as evoluírem com o tempo, tornando-se únicas, como a minha. Parei de envelhecer ao completar trinta anos e, desde então, minha aparência e características permanecem as mesmas. Contudo, ao longo dos milênios, adquiri dons que mantive em segredo; um deles é a capacidade de enxergar a qual antepassado alguém está ligado.

Enquanto observo Samael, vejo, pelo canto do olho, Samar sorrir, como se soubesse o que eu estava fazendo, o que não me surpreenderia, considerando sua conexão com Sheriom e o poder crescente que demonstra, talvez até superior ao do próprio predecessor.

Sinto um leve arrepio na nuca ao penetrar o campo de visão de Samael. Seus olhos negros pareciam dominar a minha percepção e, por um breve momento, senti-me paralisado, como se meu poder tivesse sido contido no tempo. Isso me fez

recordar de um mago extremamente poderoso que conheci ainda na Era das Trevas: Adon Olan, capaz de duelar manipulando a própria linha temporal.

Os trilhos do destino, enfim, pareciam trazer de volta grandes heróis do passado. Algo grandioso estava prestes a acontecer, algo capaz de transformar o mundo ou alterar a própria realidade conhecida.

— Desculpe por encará-lo — digo abruptamente. — Mas diga-me, como consegue associar o combate à clarividência?

— Josué, você é, de fato, a pessoa mais velha do nosso mundo — disse Samar, em tom descontraído. — Não me diga que, em todos esses... o quê? — Ela para, colocando o dedo indicador diante dos lábios, pensativa. — Seis mil anos? Tempo mais que suficiente para aprender a não deixar alguém desconfortável.

Sinto o rosto corar com o comentário e, sem jeito, coço a parte de trás da cabeça, rindo sem graça.

— Peço desculpas novamente, mas confesso que me intriga. Normalmente,

clarividentes não possuem poder de luta direta — digo, tentando disfarçar o embaraço. — Você, por exemplo, Samar, consegue prever os melhores caminhos a seguir para evitar confrontos, mas não demonstra grande poder ofensivo.

Samar concorda com um sorriso gentil. Em seguida, levanta-se e caminha até Samael, sussurrando algo em seu ouvido. O jovem a escuta atentamente, como se ponderasse uma resposta, mas, ao fitar a mestra, permanece em silêncio.

— Samael chegou a mim como um possível mago clarividente — explica ela, olhando para o pupilo com ternura e curiosidade. — Ele possuía uma capacidade impressionante de prever eventos que ainda não ocorreram. Mas, por algum motivo, insistia em tornar-se guerreiro. Mesmo contra minha vontade, treinou sozinho, escondido... Confesso que, quando descobri isso, fiquei furiosa. Não podia permitir que um mago tão promissor arriscasse a vida em batalha.

— Mesmo nós estando, pela primeira vez em quatrocentos e noventa e nove anos, onze meses

e trinta dias, em período de paz? — pergunto, em tom sarcástico, brincando com ela.

Os olhos de Samar brilharam ao perceber o motivo de estarem ali naquela noite, mas não entregou a resposta. Em vez disso, dirigiu-se até o lado onde estava a espada de Samael.

— Quando descobri — e digo, descobri de fato —, percebi que ele de algum modo estava ocultando isso de mim — falou, coçando o queixo em indignação. — Passei a observá-lo em segredo e notei que, ao empunhar a espada, durante os golpes, inconscientemente ele conseguia parar o tempo por onde a lâmina passava — disse, surpresa, olhando para mim enquanto se sentava novamente. — De alguma forma, a clarividência dele manipula sutilmente o tempo e o espaço. Ele consegue prever passado, presente e futuro e, em combate, usa isso a seu favor! — concluiu empolgada. — Nunca vi nada igual. Procurei por antepassados... — acrescentou, fitando-me, insinuando saber do meu segredo. — Mas não encontrei nada no passado... não até a Era

das Trevas. Nunca consigo enxergar nada daquela época.

Olho intrigado para o pupilo de Samar. Antes, parecia apenas um clarividente, mas agora percebo algo além. Isso me instiga a pegar o cajado encostado ao lado do banco.

Esse cajado fora feito do tronco de um antigo carvalho, remanescente das Eras das Trevas. Era polido, e em seu topo havia uma curvatura em forma de meia-lua, no centro da qual flutuava uma pedra esverdeada que girava vagorosamente.

Ao tocá-lo, a pedra emitia uma luz amarelada e inúmeras runas douradas se espalhavam em finas linhas por toda a extensão do cajado. Antes que eu dissesse algo, Samar bateu palmas de empolgação e olhou para o pupilo, em completo êxtase. Levantou-se e correu até ele.

— Eu sabia que isso aconteceria, Samael! Seu grande momento de duelar com o mestre das runas! Sabia que ele se intrigaria com seu dom mágico. É hora de compreendermos melhor esse poder! — exclamou, segurando a cabeça do pupilo

com as duas mãos e encarando-o diretamente. — Foi para isso que o trouxe comigo. Treine com ele agora, desvende esse grande segredo.

Samael assentiu, ainda olhando para ela, depois levantou-se e passou a mão sobre a bainha da espada, hesitante.

— Mas agora? Onde iremos duelar? É muito perigoso perto... — Ele apontou para a grande esfera que emitia uma aura amarelada na escuridão. — Daquilo. Não é seguro.

— Não se preocupe. Apenas treinaremos. Mas não quero que se contenha — respondo com serenidade. — E não se preocupe comigo... ficarei bem, aconteça o que acontecer. — Com a mão livre, aponto para o lado oposto do acampamento, distante da beira do abismo. — Ficaremos seguros o tempo todo.

Várias runas douradas começam a se acumular diante da minha mão. Fecho o punho e as lanço em direção às árvores próximas; elas tremulam e, subitamente, desaparecem sem deixar

vestígio — restando apenas a grama verde e as flores vermelhas e amarelas que enfeitavam o lugar.

Abro novamente a mão, aproximo-a da boca, fecho os olhos e mentalizo um círculo de runas douradas ao redor da área agora descampada. Ao abrir os olhos, todas as runas estavam ali, interligadas por raios de luz da mesma cor.

Samar aplaude em êxtase o que vê. Corre até a área e nota que o vento é bloqueado, o poder de sucção do destruidor dos mundos não exerce influência ali. Ela dá um pequeno salto de alegria e retorna correndo para junto do pupilo.

— Mostre-me do que é capaz, Samael — diz, dando-lhe um tapinha nas costas.

O jovem sorri e caminha até o centro do círculo, percorrendo toda a margem rúnica antes de sacar a espada, que ao toque emite um brilho avermelhado, contrastando com a armadura e o tom de sua pele.

— Samar, aconteça o que acontecer dentro desse círculo, não interfira! — falo, em tom firme, mas tranquilo.

— Pode deixar, ficarei bem aqui, observando tudo — responde ela, fitando-me. — O poder dele é tão intenso que, surpreendentemente, não consigo prever o que vai acontecer... Está tudo parado no tempo — diz, com um misto de espanto e entusiasmo.

Aceno com a cabeça e volto o olhar para o jovem, que permanece imóvel, espada desembainhada, me encarando. Entro vagarosamente no círculo e, com um único gesto, lanço diversas runas, criando uma segunda barreira protetora ao redor da primeira. Então, olho para ele, dou um sorriso de canto e bato o cajado no chão.

DONO DO TEMPO

A relva balançava suavemente dentro do círculo formado pelas runas, que emitiam uma tênue

luz dourada. Samael observava atentamente o adversário que caminhava vagarosamente para o interior do campo de combate e, a cerca de vinte passos de distância, parou. Com um único gesto, Josué bateu a base abaulada do cajado no solo, gerando ondas que avançaram pelo chão em direção ao oponente, que ergueu a espada, apontou-a para baixo e a cravou no chão.

O impacto da lâmina com o solo, ao encontrar as runas emitidas por Josué, produziu um leve estrondo, como se metais tivessem se chocado entre si. As gramíneas ao redor da espada pareciam regredir a pequenos brotos e, lentamente, retornavam ao interior da terra. Samael retirou a lâmina e, no mesmo instante, as gramas voltaram ao estado natural. Ao encarar o oponente, notou um discreto sorriso em seu rosto.

— Então este é o poder da lâmina de sua espada — disse Josué, em tom descontraído, demonstrando interesse no poder. — Há muitos anos não via algo assim.

Samael assentiu e correu na direção do adversário, que permanecia imóvel, com o cajado encostado no solo, observando-o calmamente e analisando cada movimento. Quando se aproximou o suficiente, desferiu um golpe mirando o abdômen de Josué, mas o mesmo desviou com facilidade e contra-atacou com o bastão.

Uma sequência de golpes foi desferida contra Josué, que se esquivava com agilidade de cada um, bloqueando a lâmina que vinha em direção ao seu rosto com a base semilunar do cajado. Com um rápido giro de corpo para a esquerda e um movimento descendente, Josué arremessou a espada de Samael ao solo, que, para a surpresa do guerreiro, estava repleto de runas. Elas fizeram a grama crescer e se enredar na lâmina, impedindo-o de erguê-la.

— Mostre-me seu verdadeiro potencial, Samael — sussurrou Josué ao ouvido esquerdo do oponente, surpreendendo-o.

Com um leve toque no ombro de Samael, Josué murmurou algo incompreensível. Em resposta, uma força invisível o arremessou para

longe da espada, derrubando-o de costas no chão, ofegante, como se o ar tivesse sido expulso de seus pulmões.

Reunindo forças, Samael ajoelhou-se e, apoiando as mãos nos joelhos, levantou-se, respirando com dificuldade e encarando o adversário, que agora permanecia parado ao lado da espada, com o cajado apoiado no solo. A grama que envolvia a lâmina sofria com o efeito gerado pela arma, mas voltava a crescer rapidamente devido à influência das runas.

Sem alternativas, Samael passou a mão pela armadura, seguindo o desenho dos dragões vermelhos entrelaçados. Enquanto fazia isso, começou a recitar um cântico em uma língua há muito esquecida, surpreendendo Josué.

Os dragões vibraram na armadura e ondularam à medida que o cântico prosseguia. Quando as mãos de Samael se aproximaram das cabeças das criaturas, localizadas em seu tórax, uma intensa luz dourada emanou, e o tempo começou a

desacelerar, como se tudo ocorresse em câmera lenta.

As folhas das árvores caíam lentamente dentro do círculo rúnico. Josué observava calmamente a cena. As gramas que prendiam a espada retardaram o movimento e começaram a regredir a brotos, enquanto as folhas que adentravam o campo mágico diminuía de tamanho até desaparecerem, sem deixar vestígios.

Um rugido ecoou de algum ponto dentro do cerco mágico, e ambos os dragões desprenderam-se da armadura, entrelaçando-se, sobrepondo-se e percorrendo toda a borda formada pelas runas.

Enquanto circulavam, todo o campo começou a se transformar: a grama desapareceu, flores surgiram e logo se extinguíram, dando lugar a uma terra nua e árida. O tempo convergia em múltiplas eras dentro daquele espaço, aprisionando os dois oponentes, que agora se encaravam. Josué segurava firmemente o cajado, resistindo à força dos ventos que vinham de todas as direções, enquanto

Samael caminhava sem esforço até sua espada, caída ao lado do adversário.

Com um golpe limpo, Samael ergueu a lâmina avermelhada e a direcionou ao tronco de Josué. Durante o trajeto, o tempo ao redor da espada acelerava, enquanto o resto do ambiente se movia lentamente.

Josué viu a lâmina aproximar-se, rasgando o manto como se fosse papel e encontrando sua pele, onde se chocou com um baque seco — o que surpreendeu o portador da arma.

— Você possui, de fato, um dom perdido há milênios! — exclamou Josué, endireitando o corpo. Com um golpe seco do cajado, afastou a lâmina. — Todo o meu corpo é recoberto por runas que me protegem de danos físicos — explicou, afastando-se e apontando o cajado na direção do oponente. — Elas tornam ineficaz qualquer tipo de golpe direto.

Samael, pela primeira vez, alterou a expressão. Apontou a lâmina para o adversário, e ambos começaram a caminhar em círculos, se

observando. A pedra na ponta do cajado de Josué agora emitia uma luz que recobria todo o seu corpo, ressaltando o brilho dourado das runas gravadas no bastão, enquanto a lâmina vermelha de Samael irradiava um brilho intenso, pulsando em tons ainda mais fortes.

Com um movimento ascendente, Samael uniu os dois dragões à espada e, girando-a de cima para baixo, desferiu um golpe. Josué inclinou-se para trás, vendo a lâmina passar a poucos centímetros de seu rosto. Em contra-ataque, acertou a cintura do adversário com o cajado, produzindo um som metálico ao atingir a armadura.

No ponto de impacto, surgiu uma runa semelhante a uma águia de duas cabeças. Em seguida, o mago desviou de outro ataque e levou a mão livre à boca, murmurando algo que fez a runa na armadura de Samael brilhar intensamente.

Pequenas linhas douradas começaram a se espalhar pelo corpo do guerreiro, paralisando-o. Com outro movimento do cajado, Josué o golpeou contra o chão, gerando uma onda de energia que

lançou o adversário ao solo, levantando uma densa nuvem de poeira. A terra, agora nua, permanecia sem grama nem flores.

Os dragões retornaram à armadura, assumindo uma posição estática. A espada perdeu o brilho, e o corpo de Samael enrijeceu-se ainda mais, mantendo-se ereto, com os braços colados à cintura e as pernas rígidas.

Com um simples gesto do cajado, Josué dissipou a poeira. Estalou os dedos da mão livre, fazendo o círculo rúnico desaparecer junto com a runa que imobilizava o oponente, libertando-o.

— Você tem muito potencial, jovem Samael — disse Josué, aproximando-se e estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. — Esse poder que demonstrou ainda pode ser muito aprimorado. Você pode se tornar um dos magos mais fortes desta era. Talvez tenha herdado o dom de Adon Olan, o grande mestre do tempo — completou, ajudando-o a ficar de pé.

Samael se endireitou, bateu a mão na armadura e embainhou a espada. Seu rosto refletia,

ao mesmo tempo, alegria e frustração, enquanto olhava o local onde estivera o círculo rúnico. Agora, a grama havia retornado, as árvores renasciam e Samar já se encontrava ao lado de Josué, entusiasmada.

A noite chegava à metade quando todos encerraram a conversa e foram descansar. Josué preparou camas para os amigos e, após certificar-se de que dormiam, deixou o acampamento e retornou à beira do abismo. Ali, retirou o manto e o estendeu no chão, revelando uma fina roupa de linho, e deitou-se sobre ele.

Antes de adormecer, passou alguns minutos contemplando o devorador de mundos, sentindo a presença de Elida e de seu irmão. Isso o inquietava — e, mais importante, em poucas horas, meio século de paz se completaria em Éon, devido ao fato peculiar de ambos ainda estarem presos naquela estrutura. Enquanto refletia sobre as possibilidades e se recordava do tempo que vivera ao lado de Elida, acabou adormecendo.

PLANOS

A grama encontrava-se molhada por pequenas gotas de orvalho, tornando o ar agradável e fresco. Os pássaros cantavam em todas as direções, formando uma melodia uníssona e harmoniosa.

O distante som da chuva constante no interior do precipício criava uma trilha relaxante junto à melodia das aves. Josué permanecia deitado, desperto havia poucos minutos pela conversa de seus companheiros, mas ainda relutava em se levantar.

O sol nascera há cerca de duas horas e batia suavemente em seu rosto. Enquanto permanecia no chão, ouvia Samael perguntar quem era Adon Olan, mas a resposta de sua companheira foi negativa — ela dizia não conseguir acessar o período da Grande Escuridão.

Passos começaram a se aproximar do local onde Josué repousava. Ele então se espreguiçou e sentou-se antes que a pessoa chegasse. Ao entrar em seu campo de visão, reconheceu Samar. Ela sorriu de forma descontraída; o vestido vermelho reluzia sob a luz do sol, ressaltando-lhe o rosto e as discretas sardas. Os cabelos, soltos, balançavam levemente ao vento. Antes de se sentar, ela passou a mão pelo tecido do vestido e acomodou-se ao lado de Josué, em silêncio, observando a grande anomalia que preenchia o céu e disputava espaço com o sol.

Apesar da presença do astro, o céu exibia nuvens pesadas, prenunciando chuva. Elas circundavam todo o destruidor de mundos, separadas dele apenas pelas runas quase invisíveis que o envolviam.

Samar respirou fundo e inclinou o corpo para trás, de olhos fechados, apoiando-se com os braços. Inspirou e expirou vagarosamente, repetindo o gesto algumas vezes, até endireitar o corpo novamente e fixar o olhar no companheiro, que

parecia distante, imerso em pensamentos ao observar a anomalia.

Ela o avaliou com atenção: a pele morena-clara, as discretas marcas de expressão nos cantos dos olhos, sutis para alguém de sua idade e história. A barba, curta e de tonalidade branco-acinzentada, combinava com o cabelo, igualmente grisalho, o que era curioso, já que, fisiologicamente, Josué havia parado de envelhecer aos trinta anos. Sua aparência sempre fora a de um jovem de cabelos negros e sorriso sereno, com barba e cabelos escuros que lhe conferiam um ar sério e misterioso.

Vestia uma fina túnica de linho branco, bordada nas margens com linha dourada. Calçava botas pretas e usava um manto verde-escuro, quase negro, que estava estendido no chão onde se sentavam. Seus olhos, negros e profundos, estavam fixos na anomalia; a expressão, carregada de tristeza e reflexão.

Antes de falar, Samar pigarreou discretamente, chamando a atenção do amigo, que voltou o olhar para ela.

— Hoje é um dia especial, não acha? — disse em tom calmo e amistoso, fechando os olhos num tímido sorriso ao vê-lo assentir. — Completamos meio milênio de paz em Éon... algo que jamais tivemos antes — completou, pensativa.

Josué respirou fundo, preparando-se para responder, mas, por algum motivo, desistiu e apenas soltou o ar, ainda em conflito com o que dizer.

— Nosso tempo está acabando, Josué — afirmou Samar, fitando-o com olhar grave, antes de voltar-se para a grande anomalia. — Suas runas já não contêm mais o poder daquilo. Acredito que você também tenha percebido. — Seu olhar se fixou no destruidor de mundos e nas runas que o circundavam. — O rei, os magos-chefes da Clarividência e o chefe de Verbologia reuniram-se há cinco dias... — continuou, em tom pensativo, enquanto o vento movia suavemente seus cabelos, tocados pela luz do sol. — Um plano foi traçado, ou melhor, uma das visões de Sheriom se concretizou. Eu averigui... e é fato. — Finalizou, voltando a

atenção para o companheiro, que a observava em silêncio.

— Ele, pelo que sei, não previu isto — respondeu Josué, pensativo, lembrando-se de todas as profecias feitas pelo antigo amigo. — De qualquer forma, quando escreveu aquelas palavras, já estava sendo punido por manipular o tempo. Sua mente não era mais a mesma. — Concluiu, ainda reflexivo, sem desviar o olhar da amiga, que assentiu, concordando. — Qual delas foi? — indagou, curioso.

Samar respirou fundo, afastando-se ligeiramente. Observou-o por um momento, pensativa, antes de cruzar os braços e bufar, intrigada.

— Há escrituras, então, que até mesmo você desconhece — respondeu com leve apreensão, desviando o olhar para as gramíneas ao redor do manto, que se moviam suavemente ao sabor do vento. — Infelizmente, não posso lhe contar, meu amigo. — Falou, sem encará-lo. — Você conhece as regras. Sheriom as quebrou ao compartilhar o futuro

com todos... e pagou o preço. — Voltou os olhos para o destruidor de mundos. — O que posso dizer é que o rei possui um livro escrito por Sheriom. Um livro dourado. Nele estão contidas profecias...

— Eu conheço esse livro — interrompeu Josué, intrigado. — Eu o entreguei à linhagem real há milênios. — Franziu a testa. — Há apenas símbolos e desenhos que jamais compreendi, feitos por Sheriom pouco antes de morrer. — Coçou a barba, pensativo. — Foi um pedido dele que eu o deixasse com a realeza. Acreditei que fosse apenas mais uma de suas alucinações... mas entreguei mesmo assim. Imaginei que já tivesse se perdido há muito tempo.

— Ele contém escrituras, Josué. Só podem ser lidas por magos com o dom da clarividência — explicou Samar, em tom amistoso. — O primeiro rei, Elson, possuía o mesmo dom de Sheriom. Quando você entregou o livro, ele conseguiu lê-lo, embora não tenha compreendido. Ao perceber que apenas ele e magos semelhantes podiam decifrá-lo, entendeu que era algo importante e o manteve em

segredo por todo esse tempo. — Concluiu, pousando a mão sobre o ombro do amigo. — Segredos há muito guardados começaram a se revelar. Sheriom abusou tanto das infinitas possibilidades do futuro que perdeu a razão. Em seus últimos dias, ao compreender o preço por infringir as leis do tempo, escreveu cada possibilidade em forma de profecia e destinou o livro ao rei, confiando que ele saberia o que fazer. — Falou calmamente, observando Josué negar com a cabeça, sem compreender. — O fato de você desconhecer essa profecia a torna ainda mais fatídica — finalizou, retirando a mão do ombro dele e comprimindo os lábios em apreensão.

Ambos permaneceram em silêncio. Samar o observava, imóvel e em negação, enquanto ele assimilava o que acabara de ouvir. Por fim, Josué levantou-se e caminhou até a beira do precipício, olhando para o fundo do vale e para a chuva incessante que castigava o local.

— O rei precisa falar com você imediatamente — disse Samar, levantando-se e caminhando até o lado do amigo. — Há muito a ser

dito... e pouco tempo para tudo o que precisa ser dito — completou, fitando a mesma direção que ele e recebendo um aceno silencioso de consentimento.

O sol já se erguia quase ao meio-dia. As nuvens permaneciam densas no céu e alguns trovões ecoavam à distância. A umidade do ar aumentava, e com ela, o vento, anunciando a chuva iminente.

Ao fundo, Samael já havia selado os cavalos, reunido os equipamentos e aguardava, à distância, o término da conversa dos dois. Não sabia do que se tratava, mas tinha a sensação de que era algo sério.

ERA DAS TREVAS

Uma longa estrada de terra batida estendia-se diante dos três viajantes. A mata fechada os cercava de ambos os lados; grandes pinheiros e árvores de variados tipos margeavam o caminho.

A terra, ainda úmida após a intensa chuva que os atingira, exalava um leve aroma de solo molhado e grama fresca. Os pássaros já não cantavam mais, e o céu acinzentado anunciava que outra tempestade se aproximava.

Os três seguiam lado a lado, Josué no centro, montado em seu garanhão de pelagem cinza-clara e longas crinas negras. Seu cajado estava preso ao alforje. À esquerda, cavalgava Samar, falante como sempre, comentando sobre o clima, a chuva e os caminhos que ainda percorreriam, cerca de dez dias até alcançarem a capital real.

Samael, à direita, mantinha-se mais silencioso, atento e observador. Parecia querer conversar com Josué, mas não encontrava brecha entre as falas incessantes de Samar.

Dois dias de viagem se passaram, e a mata densa deu lugar a uma vasta planície verdejante, salpicada por flores e algumas árvores dispersas. À distância, duas grandes montanhas erguiam-se, com os topos cobertos por neve. Entre elas, a estrada se

estendia, e Josué calculou que ainda levariam um dia até alcançá-las.

Samar admirava a paisagem, encantada com cada detalhe. De tempos em tempos, exclamava em fascínio diante da beleza do local. Samael aproximou-se de Josué e cavalgou em silêncio por alguns instantes, avaliando o cenário e o companheiro, que parecia imerso em pensamentos. Ao observá-lo, sentia a presença de alguém sábio, de um nível mágico incomparável.

— Você poderia me falar um pouco sobre Adon Olan? — perguntou, sem jeito, atraindo a atenção do amigo.

— Claro! — respondeu Josué, satisfeito por vê-lo finalmente tomar coragem. — Mas já adianto que não há muito a ser dito sobre ele. — Alertou, encarando-o. — Conheci-o durante a chamada Era das Trevas. — Você chegou a estudar sobre isso na Academia de Magos da capital? — questionou.

Antes que Samael respondesse, Samar aproximou-se do pupilo. Notou o embaraço no

semblante dele e sorriu, passando-lhe a mão no ombro em gesto afetuoso.

— Não precisa ter vergonha, Samael — disse, ainda acariciando-lhe o ombro. — Ele é autodidata, Josué. — Explicou, olhando para o colega, que demonstrou surpresa. — Encontrei-o em um vilarejo próximo de Seraphiel, no extremo oeste de Éon. Já possuía dons de clarividência bem desenvolvidos — contou, lançando um olhar orgulhoso ao pupilo, que permanecia em silêncio. — Quando descobri que vivia em um bar, cercado por bandidos, usando seus dons para prever os melhores momentos de roubo e fuga, convenci-o a me acompanhar até a capital real. — Continuou, ajeitando-se na sela. — No início da viagem, pedi para deixar a espada, já que magos clarividentes não costumam usar armas. Ele recusou, e eu não insisti. Pensei que tivesse valor sentimental. — Explicou, observando a lâmina, que emitia um discreto brilho avermelhado. — Foi no meio do caminho que descobri o dom dele com a espada.

A maga fez uma pausa para respirar, soltando o ar lentamente, como se percebesse só então que havia falado sem parar.

— Quando chegamos à capital, levei-o ao rei e contei sobre o dom. O rei pediu que eu o treinasse em segredo, e ele próprio ensinou Samael nas artes de combate... pois isso também estava nas escrituras de Sheriom — concluiu, fixando o olhar em Josué, que assentiu e coçou a barba, pensativo.

Os três cavalgavam em silêncio há alguns minutos, assimilando o que fora dito. Samael, aparentemente, já sabia de sua participação nas escrituras e não se abalou; Josué, porém, permanecia imerso em reflexões.

— Mas não precisa ter vergonha, Samael — retomou Samar, quebrando o silêncio. — Josué é professor na Academia de Magos. Ultimamente atua apenas nos primeiros dias de aula, mas ainda é um mestre respeitado.

— Você é professor, então? — perguntou Samael, empolgado, o rosto iluminado pela surpresa.

— Sim — respondeu Josué, sorrindo. — Recepciono os alunos e apresento o conceito da magia. Também falo sobre a Era das Trevas, embora poucos prestem atenção. — Fez uma pausa e prosseguiu, em tom didático: — Mas foi nesse período que muitas magias nasceram. Impérios surgiram e ruíram. E foi também quando apareceram os amaldiçoados.

— Por que diz que foi um período conturbado? — perguntou Samael, interessado. Samar permaneceu calada, apenas ouvindo.

— Bom... foi um período singular em toda a história de Éon — começou Josué, após breve pausa, refletindo. — Nasci cerca de quinze anos antes do início dessa era. Meus pais eram jovens; lembro-me de o mundo ser pacífico, como agora. Vivíamos na capital real, em um reinado chamado Pagoon. Já havia magia, mas, como hoje, nem todos a possuíam. Meus pais, por exemplo, não eram magos — disse, com expressão nostálgica. — Na noite em que tudo começou, lembro-me de meus pais correndo para o castelo. Os guardas ordenavam

que todos se abrigassem dentro das muralhas. Então, uma explosão colossal... distante, mas poderosa, fez o chão estremecer. A onda de choque nos atingiu minutos depois, causando destruição em todo o reino.

Samar e Samael ouviram em silêncio. Josué percebeu o interesse genuíno no olhar do jovem e a curiosidade de Samar, ansiosa por detalhes de uma era inacessível até para ela.

Os cavalos seguiam em ritmo lento. O clima estava ameno e o sol, encoberto, tornava a jornada agradável. Josué suspirou fundo, recordando os acontecimentos como se tivessem ocorrido ontem.

— Meus pais morreram naquela noite, atingidos pela força do impacto. Lembro-me de ser lançado contra uma parede e desmaiar. Quando acordei, estava numa ala com magos de cura e feridos. Era noite. Ouvi gritos, o som de espadas e o cheiro de sangue no ar. — Pausou brevemente. — O rei de Pagoon era Adon Olan, o mestre do tempo. Ele defendeu a cidade com seu exército. A cidade foi

atacada por criaturas jamais vistas. Se não fossem os poderes dele, Pagoon teria caído — concluiu, revelando o essencial da história.

— Perdoe-me a intromissão, Josué, mas não há registros desse reinado. Onde ele ficava localizado? — questionou Samar, intrigada.

— Ficava a alguns quilômetros à frente de onde estamos. Hoje, não resta vestígio algum... o tempo apaga as histórias, e nós, acreditando que serão lembradas, deixamos de registrá-las — respondeu, apontando para as montanhas. — A entrada do grande reino de Pagoon ficava exatamente entre as montanhas de Gon.

Samar observou as montanhas, espantada. De fato, não havia sinais de antigas construções ou civilizações na estrada.

— E como você conheceu Adon Olan? — perguntou Samael, retomando o foco.

— Quando me recuperei, juntei-me ao exército para defender a cidade. Os ataques eram incessantes. O rei conclamou todos que pudessem lutar. — Josué apontou para as montanhas. —

Naquela época, elas não eram tão altas. Foi Gon quem as ergueu com magia, criando uma muralha natural contra os invasores. — Baixou a mão para a sela. — Com o tempo, tornei-me próximo de Adon. Ele me escolheu para seu esquadrão pessoal, por causa do meu desempenho e do meu dom.

Samar assobiou em admiração, olhando novamente para as montanhas. Encontraram uma árvore próxima e decidiram acampar ali, pois o sol já se punha.

Enquanto preparavam o acampamento, Josué afastou-se. À beira da estrada, onde a grama lhe chegava aos joelhos, ajoelhou-se, levou as mãos à boca e fechou os olhos.

O ar ao redor começou a tremular, as gramas se curvaram como se pressionadas por uma barreira invisível, e o solo vibrou. Com um movimento das mãos, Josué espalhou runas ao redor de todo o acampamento, sem que os companheiros percebessem. Em seguida, levantou-se e voltou à cabana recém-erguida por Samael.

Com um gesto, fez surgir três pequenos bancos próximos à árvore. Em frente à cabana, materializou uma esfera amarelada do tamanho de um punho, que iluminou o local. Samar retirou pedaços de carne seca da bolsa e os distribuiu aos companheiros, que se sentaram nos bancos para jantar.

— Durante a Era das Trevas, meus poderes despertaram — começou Josué, atraindo a atenção de ambos. — Quem os percebeu primeiro foi o próprio Adon. Ele disse que o tempo havia parado para mim e, por isso, me chamou para seu grupo. — Fez uma pausa para comer outro pedaço de carne. — Quinze anos haviam se passado, quinze anos de completa escuridão e criaturas que chamamos de amaldiçoados.

Samar assentiu. Já conhecia sobre os amaldiçoados: seres corrompidos por uma magia infecciosa, que podia passar de um mago a um não mago, assumindo o controle do corpo. Havia muitos tipos, vampiros, homens lobos, demônios e

inúmeras outras criaturas, e essa magia era sensível à luz do sol, tornando-se inerte durante o dia.

— Adon reuniu os outros reinos. Criamos alianças contra os amaldiçoados. — Josué ergueu o olhar para o céu estrelado. — Foi então que formamos a grande capital real, no centro de Éon. — Fez uma breve pausa. — Foi também quando conheci Sheriom, o clarividente do reino de Sehl. Ele previu a formação da aliança, persuadiu seu rei a aceitá-la e rastreou os demais monarcas, unindo Pagoon, Sehl e Alodoin.

Um uivo distante interrompeu o relato. Os três olharam na direção do som, vindo da estrada a alguns quilômetros. Outros uivos responderam, e passos pesados ecoaram próximos, mas sem que conseguissem ver o que os produzia. Samael levou a mão à espada, mas Josué gesticulou para que parasse.

— Cerquei o acampamento com runas que impedem que nos vejam ou sintam nossa presença — explicou Josué, estalando os dedos. As runas brilharam suavemente ao redor.

— Samael — disse Samar, observando o brilho. — Como mago clarividente, você deve se antecipar ao futuro, mas jamais compartilhá-lo, a menos que ele já esteja concretizado. — Afirmou, com tom firme. — Os atos de Sheriom foram errados. Ele não deveria ter induzido os outros a seguirem caminhos ainda não definidos. — Pausou, vendo a confusão no olhar do pupilo. — Em certas circunstâncias, ele fez o certo... mas o tempo possui seu próprio fluxo, e nós, magos do tempo, devemos apenas reconhecer seus caminhos e nos preparar para as possibilidades.

A maga desviou o olhar para o campo aberto à frente, refletindo. Após alguns segundos, voltou-se para o jovem.

— Por exemplo, eu sabia que Josué faria esse círculo se parássemos aqui. Como magos do tempo, jamais devemos revelar o que virá. Isso altera a ordem natural e pode nos trazer punições. — Disse, notando que o jovem começava a compreender.

— Sheriom foi o maior clarividente da história de Éon — afirmou Josué, atraindo a atenção

dos dois. Samar sorriu discretamente. — E foi sucedido por sua professora. — Continuou, olhando para ela. — Ela está certa. Magos da clarividência não devem escolher o caminho de forma direta, mas podem agir indiretamente, permitindo que todas as variáveis do tempo se cumpram sem interferência.

— Seu tipo mágico é ainda mais raro — retomou Samar, fitando Samael. — Você combina clarividência e controle temporal, algo sem precedentes.

— Adon foi o único mago que conheci com habilidades semelhantes às suas — acrescentou Josué. — Durante as batalhas, ele retardava o tempo e se antecipava aos acontecimentos. Mas sempre que o fazia, sua energia parecia ser drenada por algo. — Fitou o jovem com seriedade. — O que não observei em você. Talvez por ainda não usar o poder em sua totalidade.

Samar assentiu, pensativa, imaginando o poder de Adon e o quão incrível devia ter sido vê-lo lutar.

— E como ele morreu? — perguntou Samael, desviando o olhar para o ponto de onde vinham os uivos, agora mais próximos.

— Formamos uma equipe especial: Sheriom, eu, Gon e Adon Olan — respondeu Josué, observando a grama se mover, como se algo invisível a pisasse. — Desbravamos o continente de Éon e encontramos anomalias... regiões onde a noite nunca cessava. — Respirou fundo antes de prosseguir. — Nessas áreas, o tempo corria mais rápido. Plantamos árvores, deixamos animais. Os que viviam na escuridão envelheciam décadas, enquanto, nas zonas iluminadas, apenas anos passavam. — Fez uma pausa, observando o brilho da esfera mágica que iluminava o acampamento. — Adon envelheceu depressa. Aos quarenta anos, já aparentava muitos mais. O mesmo aconteceu com Sheriom e Gon. Apenas eu permaneci o mesmo.

— E como vocês saíram dessa era? — perguntou Samael, intrigado.

Josué suspirou e coçou a barba, pensativo.

— Quando retornamos à grande aliança, percebemos que tudo havia mudado. O novo rei não nos reconhecia. Fomos presos até que se descobrisse que, para eles, séculos haviam se passado... — pausou — ...e que gerações inteiras haviam vivido desde nossa partida. Fomos destituídos de nossos cargos, mas tratados como heróis antigos. Sheriom passou a mergulhar cada vez mais no futuro, escrevendo milhares de profecias.

Josué olhou para Samar, que comprimiu os lábios ao ouvir o nome de Sheriom, recordando-se do livro dourado que criara e entregara ao rei — o mesmo motivo que a levava até Josué.

— Adon continuou lutando. Os inimigos estavam desorganizados, como se algo os tivesse desestabilizado. — Josué fez uma pausa, pensativo. — Permaneci ao lado deles até que, certo dia, a escuridão simplesmente se dissipou... como se nunca tivesse existido.

— Não descobriram o motivo? — perguntou Samar, incrédula.

— Não houve explicação para o início... nem para o fim — respondeu, frustrado. — Sheriom enlouqueceu logo após o retorno da luz. Deu-me o livro e pediu que o entregasse ao rei. Dias depois, foi encontrado morto em sua cozinha. — Disse, entristecido. — Adon ingressou na guarda real e, certo dia, foi encontrado morto em seu leito — morte natural, pela velhice. — Coçou a barba e fitou Samar. — O novo rei parecia guardar segredos, mas nunca revelou nada, mesmo quando o questionei sobre a causa da Era das Trevas.

— Vasculhei todo o passado até o fim dessa era. Se houve algo, aconteceu durante a estadia de vocês fora da aliança — replicou Samar, irritada. — Sobre o livro, você já sabe. — Coçou a cabeça, indignada. — Confesso que esperava respostas mais claras sobre esse período... mas obtive mais perguntas que certezas. — Disse, levantando-se e bocejando. — Irei dormir. Sugiro que façam o mesmo. Amanhã, partiremos cedo.

Ambos assentiram e acompanharam-na até a cabana. Do lado de fora, os rosnados e guinchos

continuavam, ora próximos, ora distantes, mas todos adormeceram poucos minutos depois de se deitarem.

CIDADE DO SOL NASCENTE

O sol já havia nascido há algumas horas. A luz atravessava o tecido da cabana e banhava suavemente o interior, onde os três ainda dormiam. Do lado de fora, o astro brilhava intensamente em um céu azul pontilhado por nuvens esparsas. O vento fraco movia suavemente a porta de entrada e as gramíneas ao redor. Algumas folhas desprendiam-se da árvore próxima, caindo

vagarosamente e cobrindo o solo em tons que variavam do verde ao amarelado.

A primeira a despertar foi Samar. Saiu silenciosamente da cabana e sentou-se em um dos bancos que Josué havia feito na noite anterior. A luz do sol tocava-lhe o rosto com delicadeza, enquanto o vento brincava com seus longos cabelos. Com gestos tranquilos, ela os trançou e deixou a trança repousar sobre o ombro esquerdo.

Após alguns minutos, levantou-se e caminhou pelo campo, afastando-se um pouco do acampamento. Fechou os olhos e inspirou profundamente, inalando o suave perfume das flores silvestres que cobriam o campo, margaridas e outras espécies que não conhecia. Ao expirar, abriu lentamente os olhos e observou o solo, onde percebeu pegadas marcadas na terra úmida, sinais deixados pelas criaturas que haviam uivado na noite anterior. Agachou-se e passou a mão sobre o contorno das marcas.

Ao tocá-las, sua mente se expandiu. Um turbilhão de emoções a envolveu, e a paisagem à sua

volta tornou-se noite. De repente, estava cercada por grandes seres cobertos de pelos, criaturas que farejavam algo, mas não conseguiam localizar o alvo. Não eram homens lobos, mas seres deformados, sem dúvida amaldiçoados, criaturas da noite.

Ela os observava sem ser notada. Reconheceu a árvore sob a qual haviam montado acampamento na noite anterior. No entanto, na visão, o local estava vazio, sem sinais deles, nem das runas traçadas por Josué. Voltando a atenção às criaturas, notou que muitas caminhavam sobre duas patas. Garras longas destacavam-se dos dedos, e quatro grandes presas emergiam de suas bocas, deformando-lhes o rosto coberto de pelos.

Entre elas, caminhava uma figura humana. Movia-se com calma, sem medo das bestas. Vestia uma camisa verde, manchada de sangue e gasta pelo tempo, e uma calça de linho marrom, também rasgada e suja. Os cabelos longos e negros caíam sobre o rosto pálido. Os olhos eram tão escuros

quanto a noite, e sob as pálpebras inferiores havia tons avermelhados, como se estivessem inflamadas.

Segurava um cajado semelhante ao de Josué, mas dele emanava uma energia sombria, uma aura capaz de controlar as criaturas. O homem o ergueu e, com um movimento, fez as bestas correrem pelo campo, farejando e uivando.

Sozinho, caminhou em direção à árvore, atravessando o círculo de runas. Não parecia enxergá-los, mas Samar sentia que ele percebia algo. O estranho rodeou a árvore, passou perto do local onde Josué estivera sentado e estendeu a mão em direção ao ponto onde antes havia o orbe que iluminara a noite. Não tocou em nada, mas ajoelhou-se, pegou um punhado de terra, aproximou-o do nariz, inalou e soltou um sorriso sombrio.

Ergueu-se, afastando-se do acampamento, e levantou o cajado. Ao fazê-lo, diversos uivos ecoaram pelas planícies, todos convergindo em sua direção. Samar avançou em sua direção, destemida, e pousou a mão direita sobre a camisa ensanguentada dele. Um arrepio percorreu-lhe o

corpo. Recuou, observando as criaturas se afastarem, seguindo o mago em direção à estrada entre as montanhas de Gon. Aos poucos, a visão se dissipou e o dia voltou.

A maga piscou algumas vezes, voltando à realidade, ainda com a imagem viva em sua mente. Ergueu-se, limpou o vestido e retornou apressadamente ao acampamento, onde encontrou os companheiros já acordados, desmontando o local e preparando-se para a viagem.

— Já ia acordar vocês — disse, de modo descontraído. — Temos um longo caminho pela frente. — Acrescentou, animada, ajudando-os a terminar de organizar o acampamento. — Nosso destino de hoje é a Cidade do Sol Nascente. Teremos de fazer um desvio; tenho interesses por lá.

Josué franziu o cenho ao ouvir o plano, mas limitou-se a continuar empacotando os utensílios. Quando tudo ficou pronto, montaram em seus cavalos e retomaram a estrada, cavalgando em silêncio por horas, observando o caminho à frente e as montanhas que se aproximavam ao longe.

Depois de longas horas de viagem, durante as quais retomaram o assunto da noite anterior, chegaram a uma encruzilhada. Um tronco servia de placa, com duas setas: uma apontava para as montanhas, onde se lia Montanhas da Perdição, a outra, para uma estrada de chão batido que margeava a montanha à direita, marcada com Cidade do Sol Nascente.

Samar apenas olhou para os companheiros e seguiu pelo caminho da cidade, sem dizer palavra. Ambos a acompanharam, observando a imponente montanha coberta por limo esverdeado e árvores que insistiam em crescer nas encostas. Ao olharem para o alto, viram o topo nevado, uma paisagem que mesclava elementos tão distintos que prendeu a atenção de Samael durante todo o percurso.

— Aparentemente, já não lembram mais de Gon — comentou Samael, cavalcando entre os dois.
— A placa atrás dizia “Montanha da Perdição”.

— Muitas eras se passaram desde a existência de Gon — respondeu Josué, pensativo. — Se é que ainda há herdeiros seus, devem ter

desaparecido há muito tempo. — Fez uma pausa. — O nome Montanha da Perdição vem de outra história, bem mais recente — explicou, atraindo a atenção do jovem. Samar seguia à frente, em silêncio. — Há alguns anos, um mago necromante dominou esta região, proclamando-se o novo arquimago de nossa geração. Ele controlou a estrada e ergueu aqui um pequeno império.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Samael, curioso. — Não notei nada de anormal antes de chegarmos a esta estrada.

— Perihelion, o atual rei de Éon, enviou um grupo de magos e soldados para combatê-lo. Após dias de confronto, conseguiram dissipar o necromante e aniquilar seu exército de monstros — contou Josué, com olhar distante. — Nenhum dos enviados retornou, mas outra unidade foi despachada e constatou que a paz havia sido restabelecida nesta região.

Samael assentiu, satisfeito com a resposta, e voltou a cavalgar em silêncio, retomando sua expressão séria e observadora.

Com o passar das horas, a estrada tornou-se de cascalho, e não mais de terra batida. Pequenos arbustos margeavam o caminho, que se alargava e afastava alguns metros da montanha. Carruagens passavam de tempos em tempos, seguidas por cavaleiros apressados que mal prestavam atenção neles.

Era início da tarde quando avistaram, ao longe, um grande rio. À medida que se aproximavam, começaram a ver pequenas casas, de cujas chaminés subia fina fumaça.

Samar acelerou o passo, e os outros a seguiram sem questionar. Cruzaram uma longa ponte de madeira que atravessava o tranquilo rio, cujo frescor suavizava o ar. Ao chegar ao meio da ponte, ela reduziu a velocidade e olhou para as águas correntes.

— Este é o grande rio Nahar Lavan — disse, pela primeira vez em toda a viagem, permitindo que os companheiros a alcançassem. — E ali está a Cidade do Sol Nascente. — Apontou para um grande portão aberto ao final da estrada.

Avançaram devagar pela ponte e adentraram a cidade. Ruas movimentadas se abriam diante deles, repletas de mercadores vendendo frutas, carnes, livros e armas. O som das conversas e das negociações misturava-se num burburinho característico de cidades vivas.

A clarividente os guiou pelas vias até parar diante de uma estalagem chamada Beit Nahar. A placa de madeira rústica exibia o entalhe de um rio sinuoso, o mesmo que margeava a cidade.

Deixaram os cavalos aos cuidados do funcionário do estábulo e entraram no estabelecimento. O salão principal estava cheio: homens bebiam, riam alto e conversavam, enquanto, num pequeno palco, um músico tocava uma melodia suave na flauta, ignorada por muitos, mas que trazia ao ambiente um ar acolhedor.

Samar dirigiu-se ao balcão e pediu um quarto para três pessoas. O estalajadeiro, sem fazer perguntas, recebeu o pagamento, entregou a chave e os conduziu ao andar superior.

O quarto era amplo, com três camas cobertas por lençóis brancos e separadas por pequenas cômodas de madeira rústica. Duas janelas deixavam ver o curso sereno do rio.

Após deixá-los, o robusto homem retornou ao salão principal. Eles escolheram as camas: Samael ficou com a do meio, Josué com a mais próxima da porta e Samar com a junto à janela.

Depois de organizarem as roupas, tomaram banho e vestiram trajes limpos. Samar optou por um longo vestido de seda azul-escuro e botas de couro, com uma adaga presa à cintura por uma fina cinta preta. O cabelo, ainda úmido, caía solto enquanto ela o escovava, observando a cidade pela janela.

Samael saiu do banheiro vestindo apenas uma calça preta, revelando o abdômen e o peitoral definidos. O cabelo, encaracolado e solto, dava-lhe um ar mais jovial. Sentou-se na cama, vestiu uma fina camisa de linho branco e observou a mentora, imersa na vista.

— Sempre achei essas roupas finas demais para mim, Samar — disse, alisando o tecido, surpreso com sua qualidade.

— Sempre prezo por vestimentas confortáveis e adequadas à ocasião — respondeu ela, sorrindo. — E devo admitir, essa ficou muito bem em você. — Concluiu, piscando-lhe um olho.

Josué, ao sair do banho, percebeu que Samar também havia deixado roupas para ele: uma camisa branca e calça marrom-clara. Seu antigo manto fora substituído por outro, em tom vermelho-vinho, mais macio e visivelmente mais caro. Quando todos estavam prontos e devidamente vestidos, desceram juntos ao salão principal.

SUPERCONTINENTE

Já nas escadas do salão principal, os três observavam os civis que conversavam e riam. As mesas estavam quase todas ocupadas; algumas pessoas gargalhavam e brindavam, felizes por algum motivo. Os lampiões iluminavam o interior da estalagem e espalhavam-se por todos os cantos, enchendo o teto com uma névoa esbranquiçada de fumaça que se misturava ao cheiro de comida, bebida e suor.

Após alguns minutos, Josué avistou uma mesa vaga e guiou os companheiros até ela. Assim que se sentaram, o dono do local, o mesmo que os havia recepcionado, aproximou-se. Vestia um avental branco, sujo de gordura e vinho. Apresentou-se como Marco, um homem baixo, um pouco acima do peso, de pele clara, cabelos loiros e barba por fazer. Falava sem pausas, como se esquecesse de respirar, o que lhe dava um ar constantemente ofegante.

Depois de pedirem o prato principal e três canecas de cerveja, o estalajadeiro se afastou, e os três permaneceram observando o ambiente. O músico, agora com um violão, continuava a tocar sua melodia suave, cantando algo inaudível diante do barulho das conversas.

Pela janela ao lado da mesa, viam-se os lampiões que iluminavam as ruas, refletindo na pedra molhada. Poucas pessoas caminhavam por ali, exceto os soldados em patrulha.

— Vocês já estiveram aqui antes? — perguntou Samael, observando o interior da estalagem enquanto aguardava resposta.

— Estive aqui há alguns anos, em uma missão diplomática — respondeu Samar, observando o estalajadeiro que se aproximava com as bebidas.

— Eu venho com frequência para esta região, uma vez por ano, para falar a verdade — comentou Josué, pegando a caneca de madeira repleta de cerveja. — Mas nunca havia parado nesta cidade. — Confessou após Marco se afastar.

— Você sempre passa os “aniversários” próximo daquilo? — perguntou Samar, já sabendo a resposta, mas curiosa quanto ao motivo.

Josué tomou um gole da cerveja e pousou a caneca sobre a mesa. Respirou fundo e assentiu, o olhar distante.

— Preciso sempre verificar as runas. A cada ano que passa, torna-se mais difícil conter aquela anomalia... — respondeu, notando no olhar da companheira que ela sabia que aquele não era o verdadeiro motivo. Então prosseguiu — Também vou para ficar perto dela... e dele. Fui eu quem os criou antes que ele se corrompesse... e ela, eu acompanhei até seus últimos dias. — Desabafou, sem olhar para ninguém, como se aliviando um fardo. — Nunca compreendi por que Rafael se tornou o que se tornou... O grande e último arquimago até então. Nunca entendi a aversão que passou a ter pelo próprio nome, trocando-o por Nefários. — Concluiu, as mãos repousadas ao lado do copo.

Samar estendeu a mão e apertou a de Josué, que retribuiu o gesto silenciosamente.

— Sempre soube que havia uma ligação entre vocês — comentou, olhando-o nos olhos. — Mas não imaginava que fosse tão íntima.

— Eu os adotei depois que foram deixados na porta da catedral da capital real — explicou. — Ambos eram magos natos, possuíam enorme potencial. Assim que percebi, inscrevi-os na Academia de Magos. Mas, um dia, quando Rafael tinha cerca de seis anos, ele simplesmente desapareceu... — Disse, franzindo o cenho, pensativo, e tomou outro gole de cerveja. — O rei ordenou buscas e me designou um grupo de magos para encontrá-lo, mas nunca tivemos sucesso. Nenhum vestígio sequer. — Prosseguiu, com olhar distante.

Enquanto falava, mexia distraidamente o líquido dentro da caneca.

— Élida sofreu por anos com o desaparecimento do irmão... até que, anos depois,

ele retornou. Em trapos, sozinho, e atacou a capital real.

— O grande desastre de Azor... — sussurrou Samar, levando a bebida à boca.

— Exatamente — confirmou Josué. — Ele demonstrou uma força jamais vista. Enfrentou Azor, o rei da época, mago do fogo e herói que havia derrotado o arquimago anterior. — Pausou e recostou-se no banco. — Rafael dominava as artes da necromancia e da magia gravitacional — a mesma de Élide. Na época, tinha apenas treze anos. Eu e ela não estávamos na cidade naquele dia... — continuou, indignado. — Apesar de toda a maestria de Azor, ele foi derrotado. A capital quase foi dizimada. Se não fossem os magos presentes, que se uniram e o forçaram a recuar, Éon teria caído. Mas antes de fugir, ele se autoproclamou o novo arquimago. — Concluiu, tomando um longo gole.

Samael ouvia tudo com atenção. Já havia estudado sobre o assunto com Samar. Os arquimagos eram indivíduos dominados pelas trevas da magia, possuidores de um poder além da

compreensão humana. Desde a Era das Trevas, seis grandes arquiماغos haviam surgido, e incontáveis impostores, que foram rapidamente derrotados.

— Élida jurou conter o irmão quando soube do que ele havia feito — prosseguiu Josué. — Aperfeiçoou-se na academia, tornou-se maga real aos vinte anos e, aos vinte e cinco, era considerada a mais poderosa de Éon. Duelaram diversas vezes. Ela dominava a gravitação com muito mais controle que o irmão, ambos foram os primeiros a desenvolver essa arte.

Os olhos de Josué marejaram ao lembrar dos filhos se enfrentando. Tomou mais um gole, tentando conter a emoção.

— Além disso, ela possuía o dom de absorver magia, sugando a vitalidade de tudo ao redor e liberando-a em forma de explosão — algo jamais visto. — Falava quando o estalajadeiro retornou, trazendo um grande pernil de porco assado com legumes. O aroma de temperos invadiu o ar, despertando o apetite do trio, mas Josué manteve-se focado no relato. — No último confronto, eu estava

com ela. Ela condensou toda sua energia e lançou um ataque devastador. Ele respondeu na mesma intensidade, e o impacto criou uma redoma que começou a sugar tudo — inclusive a mim. Consegui escapar lançando runas de contenção, mas quando olhei novamente, toda a parte leste de Éon havia sido tragada. Dentro da redoma, ainda vi os dois duelando... até se desintegrarem. No fim, restou apenas uma grande esfera negra, pulsando, lançando relâmpagos em seu interior e absorvendo tudo ao redor.

— Ela pode ter gerado o que chamamos de “buraco negro” — comentou Samar, em tom sereno, enquanto colocava comida no prato. — Uma das previsões de Sheriom, registrada no livro dourado e cumprida há exatos quinhentos anos e dois dias. — Concluiu, comprimindo os lábios.

— Ele também previu isso? — perguntou Josué, surpreso. — O que mais ele escreveu?

— Muitas coisas... das quais não posso revelar — respondeu ela, lambendo os dedos. —

Posso apenas citar as que já se concretizaram — e essa é uma delas.

Josué adotou um ar pensativo. Após alguns segundos, suspirou e voltou a atenção à refeição. Comeram em silêncio. O músico havia dado lugar a um bardo, que narrava antigos contos. As pessoas riam, discutiam e brindavam. Alguns, já bêbados, se exaltavam, mas logo eram contidos, e a alegria retornava ao ambiente.

Depois do jantar, Samar avisou que subiria para descansar. Samael decidiu ficar um pouco mais, e Josué optou por acompanhá-lo.

O jovem percorreu o salão, ouvindo os contos do bardo e observando os quadros pendurados nas paredes, até deter-se diante de um grande mapa entalhado em madeira.

Ao lado, um texto fixado informava que Éon, segundo a Academia de Magos, possuía vinte e sete mil quilômetros de diâmetro, sendo apenas um terço habitável — o chamado Supercontinente de Éon. O restante era composto por vastos oceanos.

Samael analisou o mapa. Seguiu a região leste e localizou as Montanhas da Perdição. Acompanhou o curso do grande rio Nahar Lavan, que cortava o continente do norte ao sul, terminando em Mashhit Olam, o local onde haviam encontrado Josué e onde o destruidor de mundos permanecia. Ali, o rio despencava no precipício antes de se unir ao oceano.

Localizou também a capital real, Ir Orim, a cerca de seis ou sete dias de viagem dali. O trajeto passava pelo Vale Flutuante, onde o rio se bifurcava, seguindo a oeste sob o nome de Nahar Nachash, por seu formato sinuoso, até desaguar na cidade portuária de Seraphiel, onde Samar encontrara Samael.

Ao sul, via-se o deserto Yesimon, extenso e árido, sem rios ou lagos. Mais abaixo, nas extremidades do continente, erguiam-se as cordilheiras Harim Elyon, que circundavam todo o limite sul, abrigando pequenos vilarejos.

No norte, inúmeras cidades margeavam o Nahar Lavan, cercadas por vastas florestas, a região

mais arborizada de Éon. No coração da Floresta Esh, situava-se Noseh Esh, a segunda maior cidade do continente, superada apenas pela capital.

Quando terminou de analisar o mapa, percebeu Josué ao seu lado, ouvindo os contos do bardo e rindo discretamente. Pela primeira vez, parecia relaxado.

— Vamos subir? — perguntou Samael, chamando sua atenção. — Aposto que Samar nos acordará cedo amanhã.

Josué assentiu, e ambos começaram a subir as escadas, desviando-se dos clientes já bêbados que se aglomeravam ao redor do palco.

Estavam na metade da escada quando Samar apareceu no topo. O rosto dela estava pálido. Antes que pudesse dizer algo, um estrondo ensurdecedor ecoou do lado de fora da estalagem, silenciando o salão.

Outro estouro se seguiu, acompanhado de gritos. Os clientes se agitaram, correram em desespero em direção à saída, empurrando-se, derrubando copos e cadeiras. Em poucos segundos,

o salão ficou vazio, exceto pelo trio. O silêncio foi logo rompido por novos estrondos.

Correram para fora e viram pessoas fugindo em direção oposta ao portão principal, o mesmo por onde haviam entrado pela manhã.

Uma nova explosão iluminou o céu noturno, seguida de gritos que ecoaram pelas ruas. O corpo de Josué estremeceu; instintivamente, segurou o cajado, que brilhou em verde intenso. Samael já havia desembainhado a espada, os olhos fixos na direção do ataque.

Avançaram contra a multidão em pânico, desviando dos civis. Ao chegarem à rua principal, depararam-se com dezenas de soldados caídos. O portão jazia em chamas. Outros guerreiros lutavam desesperadamente contra criaturas animais que os derrubavam com facilidade.

Entre as labaredas, uma grande sombra começou a se formar. Uma risada sombria ecoou. Uma rajada de vento apagou o fogo e ergueu uma cortina de fumaça, encobrindo tudo.

Samar segurou o braço de Josué, aflita.

— Temos que fugir daqui, Josué! — disse, tentando conter o desespero. — Esse mago é poderoso demais. Não podemos enfrentá-lo sozinhos.

— Somos os únicos magos aqui, Samar! — rebateu Josué, batendo o cajado no chão e fazendo o solo estremecer. — Mesmo sendo magos de defesa, representamos o rei. Não abandonaremos essas pessoas!

Ela hesitou, mas logo assentiu, recuperando a postura. Empunhou a adaga e preparou-se para o combate, observando Josué avançar e erguer o cajado.

Com um gesto firme, ele dissipou a fumaça que cobria a rua — revelando os agressores e os corpos dos soldados mortos.